

STANISLAW PONTE PRETA

TRÊS pastas de recortes mandou-me há dias Stanislaw Ponte Preta: era seu novo livro, «O País do Crioulo Doido», dividido em três partes. A primeira com o título do livro, a segunda formando o «3º Festival de Besteira que Assola o País», a última «A Máquina de Fazer Doido», com sua experiência da televisão. O livro sairá em novembro, mas Stanislaw está desde ontem enterrado no São João Batista sob o seu nome civil de Sérgio Rangel Porto.

Era um carioca de Copacabana que nasceu e viveu sempre na Rua Leopoldo Miguez, a princípio em uma casa, depois em um apartamento do edifício construído no mesmo local. Era dez anos menos um dia mais moço do que eu; mais de uma vez passamos juntos uma noite de 11 para 12 de janeiro e certa vez comentei em crônica que Sérgio merecia ser bem mais moço do que eu, mas eu não merecia ser tão mais velho do que ele.

Conheci-o rapazinho, na casa de Alvaro Moreira, onde ia com seu tio Lúcio Rangel, com quem aprendeu a amar o Samba e o jazz. Cresceu jogando futebol de praia, mas bem cedo teve de assumir responsabilidade na vida e entrou para o Banco do Brasil. Durante muitos e muitos anos o jovem jornalista boêmio que ele foi era visto às 7 e pouco da manhã esperando o ônibus na Avenida N.S. de Copacabana para ir pegar seu batente na cidade. Essa mistura de espírito boêmio e senso de responsabilidade fez dele um dos mais jovens sócios do famoso Clube dos Cafajestes e um dos homens mais trabalhadores do Brasil; o homem das pequenas «certinhas» viveu uma grande parte de sua vida atrás da máquina de escrever, fazendo trabalho bancário, crônicas, seções de crítica, programas de rádio e televisão, argumentos de cinema, espetáculos de teatro e de boate. Nos últimos anos a necessi-

dade de faturar cada vez mais para atender a encargos crescentes obrigou-o a desinibir-se e aparecer ele mesmo no vídeo ou no palco.

Como humorista, Sérgio incorporou à língua, da maneira mais feliz, a graça imprevista da gíria carioca. E foi um castigo para os chefões do movimento de 64, com seus Festivais de Besteira. Outros podem ter atacado com mais veemência o regime; a crítica bem humorada de Sérgio destruiu mais, doía mais, incomodava mais.

Não lhe faltaram insultos e ameaças, e até mesmo através de sugestões a «você, que é amigo dele», que ouvi mais de uma vez, como outros amigos seus certamente também ouviram, vieram ecos de conversas de policiais ou «grupo de oficiais» que estariam preparando «surpresas», achando que ele «agora está no limite do abuso». Jamais ligou a isso, nem a insultos e ameaças pelo correio e pelo telefone: continuou a colecionar tranqüilamente as besteiras dos poderosos, e diante do êxito de suas crônicas e de seus livros comentava com fingida melancolia: «o pessoal gosta mesma é de besteira; eu não invento nada, só corto com a tesoura e colo». E talvez tenha tido, nestes tempos tristes, um papel paradoxal: contribuiu para tornar suportável a «redentora», pois o riso que provocava era uma válvula para o ressentimento popular. Ela desabafava o povo.

Esse trabalhador monstruoso deixou pelo menos dois personagens vivos: tia Zulmira, a sábia senhora da Bôca do Mato, e o nefando primo Altamirando são figuras que ele criou e que fariam inveja a qualquer romancista.

Sérgio trabalhou, amou e viveu com intensidade excessiva, e morreu disso; esteve sempre ao lado dos pobres, sem demagogia nem pieguice, e mesmo quando ele «pichava» o meu «Framengo» era com um secreto, misterioso carinho...